



"UM DIA, UM RIO": O TEXTO LITERÁRIO INFANTIL, A ABORDAGEM DE TEMÁTICAS HODIERNAS E A FORMAÇÃO DO LEITOR CONSCIENTE E CRÍTICO

Fabíola Cordeiro de Vasconcelos

*Universidade Federal de Campina Grande
fabiolacordeiro@uol.com.br*

Resumo: Compreender a literatura como um modelo de pensamento que, através da poesia e do recurso ao ficcional, possibilita interpretar e significar a vida e o mundo (AZEVEDO, 2004) é relevar sua importância para a reflexão sobre questões da existência humana concreta, incluindo aquelas que, por diferentes motivos e caminhos, sensibilizam autores e leitores, capacitando-os a refletir acerca do universo que os circunda e que neles repercute. Nessa perspectiva, na literatura infantil vêm sendo publicadas excelentes obras que, de maneira sensível e artística, tratam de temas e fatos atuais, possibilitando ao leitor criança enveredar por um universo estético que, ao mesmo tempo em que o diverte e encanta, também pode despertá-lo para melhor compreender o contexto social e histórico em que se situa. Em "Um dia, um rio", os autores Léo Cunha e André Neves apresentam uma visão sobre o desastre ambiental decorrente do rompimento de uma barragem de rejeitos de minério em Minas Gerais, o qual praticamente ocasionou a morte do Rio Doce. É um exemplo de que o literário pode se constituir como caminho à formação de sujeitos capazes de ver o mundo com outros olhos e de, por meio da arte, compreender e situar-se mais plenamente na concretude da existência cotidiana. O artigo objetiva apresentar a referida obra, refletindo sobre suas qualidades estéticas e artísticas, a fim de discutir a relevância do literário para a formação das crianças como leitoras competentes, capazes de compreender aspectos da realidade e de posicionar-se criticamente sobre eles.

Palavras-chave: literatura infantil, temáticas atuais, formação do leitor.

Introdução

A literatura constitui-se como caminho relevante à formação humana, uma vez que, pela via do prazer, pode favorecer a ampliação dos conceitos já formulados pelo leitor, possibilitando-lhe uma melhor compreensão da própria existência. No caso da literatura dirigida aos pequenos, não é diferente. Por seu intermédio, é possível ao sujeito criança pensar, sentir e agir de outros modos, dando novos sentidos as suas experiências e conhecimentos.

Dada tal relevância, cabe-nos apontar a necessidade de a literatura estar presente de modo significativo nas práticas de formação de leitores, configurando-se como importante espaço para que as crianças se apropriem de um universo significativo que permite, entre outros aspectos, entender o mundo a partir de diferentes prismas e, ativamente, inserirem-se nele.

É, pois, papel do literário tratar da vida, das questões existenciais, do que concerne à condição humana. Nesse sentido, ele abarca o tratamento de questões múltiplas, demonstrando uma profunda característica social (COSTA, 2007) manifestada no tratamento de assuntos e temas humanos.

É possível à literatura, por meio da ficção, partindo ou não de algum acontecimento ou aspecto da realidade objetiva, “levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes”





(AZEVEDO, 2004, p. 40), entre os quais se incluem as emoções humanas, a mortalidade, as intrincadas questões éticas e a existência de pontos de vista variados sobre um mesmo assunto, temas que não podem deixar de ser tratados, uma vez que integram a existência humana concreta.

Hoje, a produção de literatura infantil engloba a publicação de obras significativas por incluírem referências políticas, sociais e culturais diversas, as quais abordam temas hodiernos e o fazem de maneira sensível e artística, possibilitando ao leitor criança enveredar por um universo estético que, ao mesmo tempo em que o diverte e encanta, também pode auxiliá-lo a melhor compreender o contexto social e histórico em que se situa. Entre elas, situa-se “Um dia, um rio”, de Léo Cunha e André Neves, que trata do desastre ambiental ocorrido em Mariana-MG, em 2015, e, como toda boa obra literária, de forma tocante e repleta de sensibilidade e encanto, sem didatismos ou moralismos, possibilita ao leitor compreender, pelo caminho do ficcional e da fruição, o fato abordado, elaborando uma ideia particular acerca das suas implicações. Assim, enquanto discurso literário, essa obra caracteriza-se como um espaço de liberdade que consegue abalar o tido como inquestionável e questionar o que antes se imaginava sentir e pensar (CADEMARTORI, 2009, p. 50).

Considerando que o desenvolvimento do prazer estético, por meio da vivência de experiências positivas com a leitura de literatura, é capaz de fornecer as bases para uma formação cognitiva e estética consistente, defende-se aqui a importância da leitura de obras literárias infantis de qualidade junto às crianças, afinal, como bem ressalta Aguiar (2013), a leitura “propicia [...] a expansão do leque de experiências do sujeito, que passa a interagir com novas ideias e sentimentos, novas formas de conceber o mundo e as relações humanas” (p. 154).

Este trabalho discute a relevância do literário para a formação das crianças como leitoras capazes de compreender, por intermédio da arte literária, aspectos de sua realidade e de posicionar-se criticamente sobre eles. Com esse intuito, inicialmente reflete sobre a literatura infantil, as temáticas que aborda e o seu papel formativo. Em seguida, apresenta e reflete sobre as qualidades estéticas e artísticas da obra “Um dia, um rio”, apontando sua pertinência para, além da experiência estética, favorecer a discussão de questões da atualidade, fomentando a formação leitora, literária e cidadã dos pequenos.

Sobre a literatura infantil e seus temas

Como forma de arte, a literatura, por intermédio da poesia e do recurso ao ficcional, representa uma forma de pensamento que possibilita interpretar e significar a vida e do mundo, por isso cumprindo uma função essencial no processo de humanização dos sujeitos. Para Candido (2004, p.





17), por fazer viver, a literatura humaniza em sentido profundo, uma vez que “confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”.

A leitura de literatura afeta e promove deslocamento, tirando o leitor do lugar onde estava. Por isso, permite que construa outros modos de pensar, de relacionar-se e de entender o mundo, o que reforça sua importância como caminho relevante à formação de sujeitos capazes e conscientes.

Nessa perspectiva, Britto (2008) defende a literatura como uma forma única, e fundamental, de conhecimento, apontando ser isso o que ela tem de mais significativo. Para ele, a convivência com a produção e circulação de percepções e indagações inusitadas, presentes na literatura, possibilita às pessoas pensarem sua vida, seus modos de ser e estar no mundo, de viver e fazer a condição humana.

Refletindo sobre a razão de ser da literatura na vida humana, o autor ressalta haver um conflito entre a literatura que se faz para propiciar o conhecer a vida e aquela voltada ao simples entretenimento, que não tem compromisso com a questão existencial e na qual se busca a satisfação e, em certa medida, o esquecimento. Por isso, aponta os perigos de uma “arte alienada”, a qual

[...] se faz pelo abandono da crítica, correspondendo à condição de quem, imerso num mar de banalidades, encontra-se sem condição de produzir indagações filosóficas e de tomar consciência dessa condição; alguém que, prisioneiro do pragmatismo das explicações ligeiras, não põe em questão seu modo de viver e o funcionamento do mundo que o cerca; alguém que, embotado pela inflação informativa e imagética do mundo tecnológico, do convite ao consumo e ao prazer ligeiro, não pode fruir a arte e nem se espantar diante da existência. (BRITTO, 2008, p. 99)

Esse pensamento é compartilhado por outros estudiosos que também ressaltam a importância da leitura literária para o conhecimento e ampliação da compreensão, pelo leitor, do mundo circundante. É o caso de Andruetto (2012), quando ressalta que “a literatura, com seus artifícios, constrói visões particulares de mundo e questiona as formas oficiais de perceber, de sentir, de compreender” (p. 191), característica que coloca o leitor num lugar incômodo porque muitas vezes desnaturaliza o que a sociedade naturalizou. Também de Reyes (2012), ao enfatizar a experiência literária como aquela que brinda o leitor com as coordenadas para que possa nomear-se e ler-se em mundos simbólicos construídos por outros seres humanos. Para a autora, embora ler literatura não transforme o mundo, pode fazê-lo ao menos mais habitável, pois contribui para que se abram novas portas para a sensibilidade e para o entendimento de nós mesmos e dos outros.

A literatura, portanto, tem por função encantar, incomodar, provocar e fazer pensar. Ao permitir a identificação emocional entre o leitor e o texto, abre novas perspectivas, caminhos e possibilidades,





VII ENLIJE

constituindo-se, por isso, em um precioso espaço para que se façam especulações sobre a vida. É nessa direção que Cademartori (2009, p. 49) defende que a literatura, através da sutileza, do sugerido, do que instiga por estar nas entrelinhas, “dá forma e feição a experiências permeadas de valores com as quais podemos – ou não – nos identificar”.

Compreender a relevância da literatura para a ampliação das experiências humanas - incluindo vivências artísticas, estéticas, sensíveis e simbólicas - impele a refletir sobre a necessidade de promoção do convívio efetivo com ela. Nesse sentido, Paulino e Cosson (2009, p. 70) defendem que o contato com a literatura é fundamental ao desenvolvimento do ser humano, pois, operando com a liberdade da linguagem e dando palavras à liberdade humana, a experiência literária proporciona uma forma singular, diferenciada, de dar sentido ao mundo e a nós mesmos.

É, pois, imprescindível às crianças ter acesso a obras literárias de qualidade e vivenciar experiências de partilha da leitura dessas obras, nas quais se abram oportunidades à discussão e à reflexão conjuntas sobre o que apresentam, ocasiões em que, de maneira ativa e participativa, contribuam à construção compartilhada de sentidos e conhecimentos.

A valorização de tal participação da criança na leitura compartilhada de obras literárias é ressaltada por Bajour (2012) ao defender a importância e a necessidade de valorização das contribuições que ela pode oferecer a essa leitura:

Um dos procedimentos fundamentais para que os leitores aprendam a discutir sobre literatura é a garantia de que suas intervenções sejam levadas em conta e de que o professor que coordena a conversa não seja o depositário de nenhuma verdade nem saber absoluto sobre os textos escolhidos. Quando o professor recorre ao próprio texto para que seja ele a responder às novas perguntas ou, mesmo que as deixe em aberto, estará indicando aos leitores o caminho para que consolidem sua argumentação a partir da materialidade do que as palavras e as ilustrações dizem ou calam. (BAJOUR, 2012, p. 68)

Desse modo, como ressaltado pela autora, é fundamental a participação efetiva da criança na discussão dos textos literários e essa participação não pode ser tolhida ou sufocada por uma suposta verdade ou interpretação imposta pelo adulto. É o texto, com sua materialidade, que deve fornecer os caminhos à atribuição de significados e à construção de pontos de vista pelo leitor. Por isso, Bajour ainda defende que acreditar que os leitores podem lidar com textos que os deixem inquietos ou em estado de interrogação é uma maneira de apostar nas aprendizagens sobre a ambiguidade e a polissemia na arte e na vida (2012, p. 35-36).





No que concerne ao entendimento da relação entre leitura de textos literários e construção de uma compreensão do mundo, é Colomer quem nos auxilia, salientando a ideia de que a educação literária é fundamental à formação de cidadãos preparados para entender a época atual (p. 31), uma vez que o objetivo principal dessa educação é, primeiramente, contribuir para a formação da pessoa, uma formação indissolúvelmente relacionada à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma como as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram/abordam a avaliação da atividade humana através da linguagem. A autora, portanto, ressalta a importância de, desde cedo, haver o investimento em práticas de leitura literária que propiciem ir além do que se diz explicitamente, interpretando de forma mais complexa, argumentando, retornando ao texto, comparando, contestando etc. (COLOMER, 2007, p. 71).

Essa visão é reforçada por Goldin (2012) ao caracterizar a literatura infantil como aquela “que busca ou propicia, de diversas formas, o diálogo, a participação ativa das crianças no mundo” (p. 59), aspecto evidenciado na obra literária “Um dia, um rio”, da qual se tratará a seguir.

“Um dia, um rio”: a reflexão do hodierno motivando a formação de leitores reflexivos e críticos

Recentemente, vêm sendo publicadas excelentes obras que, de maneira sensível e artística, tratam de temas próprios do momento atual - a exemplo das questões referentes à destruição ambiental, à supremacia do poder e do lucro desenfreado sobre o respeito às pessoas e ao lugar que habitam -, possibilitando à criança enveredar por um universo estético que, ao mesmo tempo em que a diverte e encanta, também a desperta e instiga a melhor compreender o contexto social e histórico em que se situa, refletindo sobre ele e tomando posições enquanto sujeito ativo. Ao refletir sobre a qualidade literária das obras infantis, Colomer (2007) aponta o surgimento de obras excelentes, pensadas deliberadamente para a infância, adequadas ao nível da competência infantil e capazes de traduzir sua perspectiva da realidade, sem perder o potencial humanizador da literatura.

“Um dia, um rio”, dos autores Léo Cunha e André Neves, publicado em 2016, pela editora Pulo do Gato, é um exemplo de obra literária que atende satisfatoriamente ao que Azevedo (2004) ressalta como uma das principais características e especificidades da literatura: seu compromisso profundo e essencial com a existência humana concreta. Caracterizado por um texto escrito repleto de poesia, sensibilidade e beleza, o qual se articula, numa relação de complementaridade, com imagens tocantes que contribuem eficazmente para compor a totalidade da narrativa, o livro apresenta uma visão sobre o desastre ambiental decorrente do rompimento de uma barragem de rejeitos de minério em Minas Gerais, o qual praticamente ocasionou a morte do Rio Doce, antes fonte de vida, sustento e sonhos.





VII ENLIJE

Aqui, cabe ressaltar o caráter artístico e estético evidente na obra que, embora abordando uma situação que de fato aconteceu, não o faz pelo viés informativo ou objetivo. Ao contrário dos textos que, conforme Aguiar (2012, p. 155), “tratam daquilo que é ou daquilo que foi, nascidos de um compromisso com a realidade próxima, factual, marcados no tempo e no espaço”, os textos do campo da ficção “abre[m]-se para o que pode ser, dando margem à imaginação e à criação, ultrapassando as referências espaciais e temporais com que se estruturam, para jogar com o provável, com o possível”. Assim, para a autora, os textos artísticos simulam a realidade e não o fazem reproduzindo-a como um espelho ou fotografia, “mas mimetizando em seu processo de construção os sentimentos e as necessidades humanas que serviram de móvel à criação”.

A respeito da relação entre a realidade e a ficção, Jobim (2009, p. 131) apresenta compreensão semelhante, afirmando que o mundo ficcional é criado e visto a partir dos limites do mundo real e que textos “realistas” constroem um mundo que, de alguma forma, é análogo ao mundo real ou derivado dele. Perguntando-se sobre a pretensa autonomia do mundo ficcional em relação ao real, defende não haver uma reprodução idêntica deste por aquele e ainda salienta que a ficção possibilita ao leitor enxergar o que não perceberia no processo ordinário da vida cotidiana, gerando uma nova compreensão das referências do mundo social onde está inserido e do seu papel diante delas.

No livro literário em questão, o desastre ambiental é retratado pelo próprio rio, personificado como um menino que sofre quando é sufocado em sua força vital por um mar de lama. A narrativa relata a agonia do menino-rio, sua lembrança dos tempos em que, límpido e vivaz, corria livre o seu curso rumo ao mar e, embora tratando de um tema doloroso, carrega uma tocante mensagem de esperança, uma vez que o seu narrador conclui o relato com a crença de que um dia voltará a ser o mesmo rio de outrora. A esse respeito, destaca-se o pensamento de Reyes (2012, p. 85) ao afirmar que “Se é bem verdade que as palavras não curam feridas físicas nem podem devolver as páginas da história para inventar finais menos tristes, seus poderes simbólicos nos acolhem em tempos difíceis, para deixar passar a dor e fazê-la suportável”. No caso específico, o simbolismo e a poesia do texto, incluindo o verbal e o imagético, ao mesmo tempo em que tocam a sensibilidade do leitor, despertando nele sentimentos de compaixão, revolta e indignação, alimentam a esperança e a crença na renovação, com o surgir do improvável.

Por isso, cabe destacar a importância dessa obra para a formação de crianças capazes de fruir a leitura, mas também para, por seu intermédio, melhor entenderem questões do mundo que as circunda e de se colocarem diante delas de modo crítico e reflexivo, afinal, como pondera Azevedo (2004), a literatura pode ser uma forma de pensar sobre a vida e o mundo, o que faz dela um caminho relevante





VII ENLIJE

a constituição de leitores que, após lerem uma obra literária, por serem afetados por ela e tirados do lugar em que estavam, não permanecerão sendo os mesmos (PARREIRAS, 2009).

Em “Um dia, um rio”, a narrativa começa com o narrador, o menino-rio, apresentando suas características e importância antes da ocorrência do derramamento da lama em seu leito. Nesse início, o rio caracteriza-se como “*cama de canoa, espelho da lua, caminho de peixe, carinho de pedra*” e afirma dançar colorindo os mapas, cantar refrescando as matas e aliviar o sertão. Repleto de poesia, o texto verbal reflete a grandeza do Rio Doce e sua importância para os lugares por onde passava e para a população ribeirinha, denotando seu pertencimento à vida da natureza e dos povos ao seu redor: “*minhas veias irrigam florestas, alimentam o cerrado*”, “*corri por entre tribos, povoados, gentes*”.

Já a partir da quinta página, o uso de verbos no tempo passado - “*corri*”, “*enchi*” e “*fui*” - denota a ideia de que o rio não é mais o que era, ideia concretizada no trecho “*Um dia eu fui rio, bacia, vale. Eu era melodia...*”, e na ilustração que apresenta, sobre fundo branco, um menino em tamanho pequeno, localizado no canto esquerdo inferior da página dupla e voltado à direita, onde se encontra uma engrenagem que, apesar de apresentar feições humanas e braços, tem aspecto monstruoso e grande dimensão, e, sobre um fundo cinza, olha assustadoramente para o frágil menino, mais tarde espirrando, de seus tubos e encanamentos, um mar de lama sobre ele.

É a partir desse espirrar de lama que, numa página dupla tomada pela cor marrom, o menino-rio começa sua agonia, pois coberto por um mar de rejeitos, afirma “*Hoje sou silêncio. Meu leito virou lama, meu peito, chumbo e cromo. Minhas margens, tristeza. Eu era doce, hoje sou amargo*”. Nesse ponto do livro, o competente trabalho do ilustrador André Neves reforça a ideia daquilo que o Rio Doce deixou de ser, pois retrata o seu amargor através da imagem do menino que, em seu sofrimento, debruça-se sobre o balde em que antes carregava água pura e límpida, e com a cabeça em seu interior, parece vomitar. Desse balde verte, por uma torneira, um fio de líquido, inicialmente fino, mas progressivamente encorpado, que aparenta ser sangue, ideia que é reforçada pelo texto escrito em que o rio diz: “*Com lágrimas de minério, vou sangrando até o mar*”.

Dalvi (2013) aponta a importância de, na boa literatura, a linguagem “*buscar um agenciamento metafórico, plural, criativo, provocativo do mundo, mais do que tender à apreensão mais direta da realidade*”. Em “Um dia, um rio”, essa característica é plenamente alcançada pelas linguagens verbal escrita e das imagens, ambas competentemente apresentando, num jogo metafórico, simbólico e preche de sentidos, a aflição do rio diante da destruição e da morte iminente. Dessa forma, tais linguagens cumprem a função de “*provocar*” o leitor, permitindo-lhe apreender a realidade de maneira indireta, por intermédio do artístico e estético.





VII ENLIJE

Essa autora ainda aponta a necessidade de se compreender como, na literatura, o texto verbal e a visualidade dialogam, demonstrando a importância dessa relação para a qualidade literária de uma obra. Acentua a relevância de se reivindicarem imagens artísticas que, diferentemente de meras ilustrações, por meio da diversidade de técnicas e sensibilidades, deem preferência a detalhes que despertem no leitor a descoberta, que sejam simbólicos e não apenas descritivos. Na obra de Léo Cunha e André Neves, o diálogo entre as linguagens verbal e visual acontece de modo efetivo, pois as imagens não se limitam a descrever o que está posto poeticamente no texto verbal. Ao contrário, unem-se a ele na composição da narrativa, expressando com eficácia, beleza e simbolismo a trajetória do rio entre a vida inicial, a agonia da destruição pelo derramamento da lama de minérios e a esperança na ressurreição e no voltar a ser rio, um dia.

Na obra, a sangria do narrador é enfatizada a partir da página iniciada com a frase “*Eu fui rio, um dia*”. Nesta e nas seguintes, predomina um fundo vermelho em que peixes nadam, carregando as lembranças que o rio tem da aldeia que, como diz, hoje mora submersa dentro dele, em alusão às tantas vidas e histórias soterradas sob o mar de lama em que se transformou. Por isso, os peixes levam sobre si casas, igrejas, objetos da vida cotidiana, além de indivíduos também caracterizados como peixes, cujas vidas foram tragadas pela lama e arrastadas, pela imensidão de restos de minérios, para o mar. A caracterização das pessoas como peixes parece simbolizar a ideia de que, como ocorre com esses animais, os que perderam suas vidas no desastre tinham com o rio uma relação vital, dele retirando o seu sustento e nele, ou por seu intermédio, realizando diferentes atividades cotidianas.

O fundo vermelho representando a sangria do rio vai escurecendo até assumir a cor marrom, a qual denota morte e destruição, dado que o cenário em que essa cor passa a predominar é quase vazio, apenas incluindo, no canto inferior direito da página dupla, a presença de restos de algumas bonecas assemelhadas a caveiras e do esqueleto de um peixe, contemplados por outro que, assustado, insiste em manter-se vivo. A ideia de devastação também é reforçada pelo texto escrito, no qual o desolado rio, com profunda tristeza, confessa em sua solidão: “*Olho pros lados e não vejo mais ninguém. Só restaram cães e bonecas, esperando, teimosos, pelos que partiram. Nas minhas dobras não sobrou um peixe, um sapo, uma cobra. Ninguém pra contar a história. Hoje quem conta a história sou eu*”.

O cenário assolado do rio continua sendo enfatizado na página seguinte, quando o seu leito enlameado é preenchido por carcaças de peixes, que se pode compreender como sendo de animais e de pessoas, que seguem sua trajetória rumo ao mar. Nesse ponto, o narrador diz novamente: “*Eu fui rio, um dia*”, parecendo resignar-se com seu destino: o inexistir. Entretanto, essa impressão é logo desfeita, pois, nutrido pela esperança, ele aventa voltar a ser um rio, um dia. Aqui, cabe destacar o





VII ENLIJE

uso de um verbo no futuro (*'serei'*) e a integração eficaz entre as linguagens escrita e imagética para apresentar ao leitor essa ideia final de crença nas possibilidades de recuperação do Rio Doce, de que um dia ele possa voltar a ser o que foi. Enquanto o texto verbal enfatiza possibilidades de vida em meio à adversidade (*"Flores nascem no deserto, a água brota na rocha e a luz, na escuridão"*), a imagem, colocada sobre um fundo cinza, traz o menino-rio dentro do balde, com apenas a cabeça emergida, mas já vestido com a touca azul que usava antes do desastre, embora ainda parecendo sufocado e esforçando-se para viver. Nessa imagem, destaca-se a lágrima que cai do seu olho.

A simbologia dessa lágrima, para além de revelar tristeza e desgosto, parece indicar retorno, renascimento, pois é possível depreender que é de sua própria dor, de sua desolação, da água que aos poucos verte de si, pela lágrima, que o menino-rio encontrará alimento e força para ressurgir. Nesse sentido, justifica-se, na imagem, o reaparecimento do balde dentro do qual o menino-rio, agora, encontra-se, para, mais tarde, um dia, novamente recuperando plenamente sua força e vida, sua limpidez e seu curso caudaloso, voltar a ser um rio. Essa mensagem de esperança é reforçada na página seguinte, onde a ilustração de André Neves volta a situar-se sobre um fundo branco que denota a limpeza e a vida da água, na qual crianças e animais brincam, e onde o menino-rio boia e espirra água, numa atitude que parece simbolizar alívio por ter sobrevivido.

Dentre tantas qualidades, é possível destacar, na significativa riqueza dessa obra, sua capacidade para ressaltar a esperança, as possibilidades de renovação e de fortalecimento frente ao adverso. É aí, principalmente, que o caráter humanizador da arte literária se manifesta em plenitude, fomentando nos leitores crenças fundamentais ao existir. Nessa direção, o escritor Bartolomeu Campos de Queirós (2008) enfatiza acreditar na força da literatura como objeto capaz de nos nutrir de coragem para, por meio da fantasia, suportar o espanto, que é viver, e buscar novos sentidos e maneiras para transformar um mundo que nos incomoda.

"Um dia, um rio", portanto, constitui-se como narrativa capaz de sensibilizar o leitor criança e, por meio das sutilezas da linguagem, fazê-lo experimentar o prazer da descoberta do subentendido, em consequência melhor compreendendo o que vive, experimenta e conhece. Sobre isso, Reyes (2012, p. 26) defende que a literatura "deve ser lida – vale dizer: sentida – a partir da própria vida", vida esta que, estando no leitor e fundamentando os seus modos de atribuir sentidos ao lido, por outro lado, também se faz presente nas narrativas literárias, nos temas dos quais se ocupam, nas visões de mundo que veiculam. Nessa perspectiva, Cademartori (2009) destaca que toda narrativa compõe um modelo sobre a realidade, manifestando certo modo de interpretá-la. "Quando se trata de narrativa infantil, para que esse modelo funcione, precisa ter um universo de referência que possa ser





identificado pela criança e possibilite reações por parte dela, seja por lhe permitir organizar vivências que teve, seja por antecipar o que ainda não foi experimentado” (p. 46).

A autora também faz um alerta em relação às obras literárias infantis em que conceitos de indiscutível importância são postos em circulação, mas com intuítos educativos, em vez de artísticos e estéticos, sendo inseridos onde não cabem. Para ela, “A literatura não tem – e não pode ter – compromisso com a transmissão de antídotos a males sociais variados [...]. Ou o texto é pragmático ou é literário. Ou é doutrinário ou é estético. Uma coisa e também outra não consegue ser” (CADEMARTORI, 2009, p. 48). No caso de “Um dia, um rio”, como texto artístico, o intuito é promover a fruição, fazer viver a emoção e o prazer suscitados pela linguagem. Por isso, mesmo se relacionando a um fato real, a um acontecimento amplamente noticiado e com grande repercussão entre os brasileiros, não tem pretensões informativas, prescritivas ou de incutir no leitor uma determinada interpretação do ocorrido. É em virtude disso que pode ser caracterizado como obra literária de qualidade que, a partir de sua estrutura e significado, como tão bem ressalta Candido (2004), capacita o leitor a ordenar sua mente e sentimentos, em consequência capacitando-o a organizar sua visão de mundo. Dessa maneira, por privilegiar a fantasia e a aventura individual do leitor com os sentidos múltiplos que é capaz de suscitar, essa obra literária foge de intenções ideológicas ou pedagógicas, e do objetivo de transmitir informações de ordem prática.

Lê-la, entretanto, inegavelmente abre espaço para refletir sobre questões da existência concreta, sobre aspectos hodiernos que repercutem significativamente na vida do leitor. Desse modo, cumpre o seu papel como literatura, favorecendo possibilidades de conhecimento e fruição que auxiliam o leitor a melhor compreender aspectos de sua vida e acontecimentos do mundo em que se situa - a exemplo da desigual luta entre a sanha do lucro, por um lado, e o desrespeito e desconsideração da natureza e da vida humana, por outro. Possibilita, assim, em situações de leitura partilhada e de conversa sobre o lido, refletir sobre tais aspectos e construir posicionamentos críticos a seu respeito.

Sobre isso, faz-se pertinente destacar, por fim, o pensamento de Jobim (2009) quando ressalta que uma das qualidades da literatura é sua capacidade de criar novos horizontes, permitindo o acesso a uma versão de mundo que pode ampliar o horizonte de conhecimento do leitor e resultar em uma nova maneira de ele ser na realidade cotidiana.

Considerações finais

Na vida das crianças, a leitura de literatura pode constituir-se, desde cedo, como uma via importante para a sua formação pessoal e leitora. Por meio do acesso significativo a textos literários





VII ENLIJE

qualificados, abrem-se possibilidades ao incremento de processos humanizadores que passam, inevitavelmente, pelas oportunidades de refletir sobre o que se vive, sobre as experiências próprias e alheias, sobre os acontecimentos da vida real.

O texto literário, como ficção, parte da realidade e a toma como base, embora não a repetindo e reproduzindo exatamente. Tratando-a pelo viés da criatividade e do simbólico, faz pensar sobre o existir, ir além do experienciado, construir novos modos de subjetivação, cumprindo de fato o seu papel ao levar o leitor a deslocar-se, refletir, questionar, construir pontos de vista e posicionamentos.

Diferentes obras literárias dirigidas às crianças, ao abordar temas hodiernos, fazendo-o de maneira poética, artística, sensível e metafórica, sem qualquer intenção informativa ou prescritiva, ampliam e enriquecem as oportunidades de incrementar a formação pessoal e leitora das crianças, ampliando suas possibilidades de interpretar questões da existência e fatos da realidade de maneira reflexiva e crítica, capacidade almejada pelos que atuam objetivando formar leitores e cidadãos.

A obra “Um dia, um rio”, ao abordar literariamente o desastre ambiental de Mariana-MG, no qual houve o derramamento de toneladas de rejeitos de minério no leito do Rio Doce, provocando grave destruição natural e de vidas humanas, desafia o leitor a atribuir sentidos ao posto simbólica e poeticamente, mas também o impele a, tomando por base a ficção que trata da dor do rio que sofre por não mais poder correr límpido e vivaz por seu leito e alimentar a vida ao seu redor, refletir sobre aspectos de sua existência concreta. A leitura dessa obra junto às crianças, portanto, além de enriquecer a sua educação literária, incentiva a sua formação pessoal e leitora, uma vez que abre espaço à conversa e à reflexão, por exemplo, a respeito das causas e consequências de um desastre ambiental dessas dimensões, explicado pela ênfase dada ao lucro e à exploração desenfreada dos recursos naturais, mais do que às vidas aí implicadas, Além disso, e talvez principalmente, a leitura da obra é relevante por incrementar a esperança e realçar a crença em novos caminhos que se abrem mesmo na adversidade, o que é crucial ao processo de humanização dos sujeitos leitores.

Referências

AGUIAR, Vera T. de. O saldo da leitura. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 153-161.

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Trad. Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.





VII ENLIJE

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, R. J. de (Org.).

Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, 2004. p. 38-47.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas:** o valor da escuta nas práticas de leitura. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRITTO, Luiz Percival L. Literatura, conhecimento e liberdade. In: Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; Instituto C&A. **Nos caminhos da literatura.** São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 94-102.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura:** para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Série Conversas com o Professor; 1)

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **O direito à literatura e outros ensaios.** Coimbra: Angelus Novus, 2004. p. 11-33.

COSTA, Marta M. da. **Metodologia do ensino da literatura infantil.** Curitiba: Ibplex, 2007.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (Org.). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013. p. 67-97.

GOLDIN, Daniel. **Os dias e os livros:** divagações sobre a hospitalidade da leitura. Trad. Carmem Cacciaccaro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

JOBIM, José L. A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). **Escola e leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 113-137. (Coleção Leitura e Formação)

PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura:** o que o adulto escreve, a criança lê. Belo Horizonte; RHJ, 2009.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). **Escola e leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 61- 79. (Coleção Leitura e Formação)

QUEIRÓS, Bartolomeu C. de. Por que escrevo – reflexões sobre a leitura do texto literário e educação. In: Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; Instituto C&A. **Nos caminhos da literatura.** São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 158-163.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar:** literatura, escrita e educação. Trad. Rodrigo Petronio. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

